

AS ARMAS QUE USAMOS VÊM DA ÁFRICA DO SUL

28/7/82

por Jacinto Khossa (texto) e Luis Souto (fotos)

«O Povo moçambicano já tem «nyika» porque a Frelimo venceu o colono português. Eu estou aqui com a Frelimo e vivo bem» — estas as palavras de António Faria, elemento que pertenceu aos bandos armados, capturado pelas nossas Forças de Defesa e Segurança, na Província de Manica.

Tinha 16 anos quando em Janeiro de 1979 foi rapado pelos bandidos armados, em Dacata, Chipungabera e iniciado na «arte» de destruir e matar. Hoje está a caminhar para a casa dos 20. Chamase António Faria. Nasceu em Chemba, Sene, na «vinha de Sofala, em 1963. Não obstante a sua tenra idade, os lacaios do «apartheid» não vacilaram. Meteram-lhe uma arma entre os dentes e gritaram-lhe ao ouvido até à brutalização, aquilo que quotidianamente devia reproduzir no terreno.

Nem tempo teve para estudar. O pouco que tinha conseguido aprender na 1.ª classe foi consumido pelo «destruidor» de que passou a ser «artador». Este é o António Faria, uma prova, de entre muitas, do que são capazes aqueles que estão empenhados em viver de joelhos, submetidos às ordens do regime do «apartheid».

António Faria é um dos muitos elementos que se encontram sob protecção das nossas Forças de Defesa e Segurança, após terem fugido das mãos dos bandidos armados. Encontramo-lo em Chimoió e contámos aqui o que foi a sua vida junto dos marginais.

Na sua forma peculiar de dizer as coisas, misturando o xisena e o inglês (rabiscado) ao português disse: Eu fui para o mato levado pelos bandidos que me raparam. Lá andei a roubar comida. Partilhei, roubei canjitos. Sofri muito por falta de comida. Sofri sol e chuva. Sapato não tinha. É só sofrimento. Quando você me refere-se ao deponente) diga na aldeia pego na faca e corra e diga: olha pá vai lá dizer a Frelimo que já estamos aqui. Eu Frelimo uma semana e depois fui para estrada com grupo colocar mina. Depois voltou para estrada a andar e esperar camião para queimar. A gente rouba boa coisa, mas quando pega lá no mato eles comem tudo. Zimbo não dão ninguém. Os chefes come bem, nós só milho torrado.

PERGUNTA — O que é que faz lá no mato?

ANTÓNIO FÁRIA — Punha minas na estrada e outra vez lá com grupo destruí pontes.

P — Você chegou a participar na destruição de pontes?

AF — Sim, fui lá com grupo.

P — Aonde?

AF — Não conhece nome dele é lá, destruí pontes pequena.

P — E o que é que você fez nesse dia?

AF — Fazia sentinela e patrulha para dar informação.

P — Onde é que você treinou?

AF — Foi treinado na Sitatonga.

Da Sitatonga fugiu porque veio avião e bateu lá. Fui para Namahite, também lá veio avião bateu e eu fugi e fui para Nacuti.

AS ARMAS NÃO CAEM DO CÉU COMO CAI A CHUVA

P — Onde é que você encontrou a arma que tinha?

AF — Encontrei lá na Sitatonga.

P — E de onde é que vinha?

AF — Vinha da África do Sul num avião assim — com as mãos imita o gesto de quem atira alguma coisa — depois sala caixa que abria coisa assim parece guarda-chuva.

P — O avião vinha assim de qual quer maneira?

AF — Vinha quando o chefe chamava o avião com phone (rádio).

Havia chefe branco, haviam muitos braços.

P — Como é que era?

AF — Eram bunu, eram boer.

P — E o que é que faziam lá na Sitatonga?

AF — Ficavam lá na base. Ficar para fazer o que? Ficar lá para fazer mina para estrada e ponte. Ir para o mato com grupo. Muzungo vai lá põe mina na ponte. Mostra: faz assim.

P — Quem foi que destruiu a base onde você estava?

AF — Foi Grupo Limpá. (Grupo Limpá é a sigla para o grupo que são conhecidos as FPLM) Grupo Limpá veio lá mesmo atacar e eu fugi.

P — Por que é que chamam Grupo Limpá?

AF — Por causa de disparar arma.

P — Limpáram muitos?

AF — Oh! Outros caíram assim, o pé não aguentar andar. Eu fugi!

P — Afinal vocês não estavam lá para lutar contra o Grupo Limpá?

António Faria olha para os lados, talvez à procura de palavras para nos fazer compreender o receio que têm pelas FPLM (Grupo Limpá). Olhou para nós com um quê de admiração. Parecia estar até a reprovar a nossa pergunta.

Contrariando aquele seu aspecto infantil, António Faria respondeu:

— Quando eles agarram você dizem que é para lutar contra soldados da Frelimo.

P — E não é isso o que acontece?

AF — Nada! É só partir loja, queimar camião. É confusão mesmo.

Não sei porque, a nyika (terra) moçambicana já tem independência. Agora este que anda a agarrar pessoas só faz sofrer o povo. Diz isso que lutar. Lutar o quê? Eles dá surma e diz vamos partir loja, vamos partir ponte, vamos queimar aldeia. Depois quando volta, na formatura diz: você já queimou aldeia da Frelimo.

Se você fugir daqui Frelimo mata você. Diz Frelimo mata povo. Como? O povo moçambicano já tem nyika (Pátria, País, terra) porque Frelimo venceu o colono português. Eu estou aqui com Frelimo vivo bem.

Respirando fundo como se acabasse de se desfazer de um fardo muito pesado, António Faria ajeitou-se na sua cadeira e sem esperar que lhe dirigissem outra pergunta reiniciou a narração: Na Macoca tem mulher muito lá. Outra já tem criança mesmo. — Ele não tem medo das palavras. Dê-las tal e qual lhe chegam a mente. Mesmo aquelas que a sociedade classifica de obscenas. Se tem relação com o que o seu pensa-

mento lhe manda dizer, exterioriza-se — Tem mulher para pegar e ir lá no mato dormir.

P — São vossas mulheres?

AF — É mulher que agarra na população.

P — Dorme com ela porque ela aceita?

AF — Foi agarrada. Quando o chefe sai nós também aproveita por-

ção.

P — Dorme com ela porque ela aceita?

AF — Foi agarrada. Quando o chefe sai nós também aproveita por-

ção.

P — Dorme com ela porque ela aceita?

AF — Foi agarrada. Quando o chefe sai nós também aproveita por-

ção.

P — Dorme com ela porque ela aceita?

AF — Foi agarrada. Quando o chefe sai nós também aproveita por-

ção.

P — Dorme com ela porque ela aceita?

AF — Foi agarrada. Quando o chefe sai nós também aproveita por-

ção.

P — Dorme com ela porque ela aceita?

AF — Foi agarrada. Quando o chefe sai nós também aproveita por-

ção.

Somos produto da Guerra Revolucionária de Libertação Nacional. Da guerra nasceu a nossa Pátria socialista. Amamos a Paz, mas não tememos a guerra. O nosso Povo não pode ficar indiferente quando os boers, através dos seus comandos especiais e dos bandos armados seus lacaios destroem as nossas conquistas, violam nossas mães, irmãs e irmãos, assassinam e mutilam nossos pais, tios e irmãos.

Os racistas de Pretória conhecem uma vez mais o amargo sabor da derrota. Como disse o Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, «QUE VENHAM!» As armas estão acesas nas nossas mãos. As armas que derrotaram o colonialismo, as mesmas armas que rechaçaram Ian Smith derrotarão os boers e os seus lacaios.



«Na Macoca há mulher a sofrer Não consegue andar, tem os pés abertos de matequenha»

que quando o chefe apanha você a dormir ela quando ele não dormiu primeiro mata você.

MACOCA: ANTO DE DEPRAVAÇÃO

O acampamento de Macoca é o local onde os bandidos armados, concentram as mulheres rapadas antes de dispersá-las para outros esconderijos. É o local onde a mulher rapada, é amoralizada. Onde se pratica o estupro. Neste acampamento as mulheres são utilizadas, sim, utilizadas para a satisfação dos bandidos. Nela impera a promiscuidade. As doenças venéreas, como não podia deixar de ser, encontram terreno fértil.

Mas em Macoca não são só as violações o único mal a lamentar. Na Macoca há muito mulher com criança a sofrer. Não consegue andar, tem os pés abertos de matequenha. Mulher sofre muito mesmo — Este deprimido é de um elemento que foi agente desse sofrimento. Se ele chegou a conclusão de que é sofrimento, como o sentirá aquelas e aqueles sobre quem se praticam estas barbaries?

Gungunhane, Maguigane e outros nossos heróicos antepassados negaram a dominação. Monlane e outros nossos heróis deram a sua vida pela liberdade. E sobre os seus esforços que se ergue hoje, no continente e no Mundo, a República Popular de Moçambique e, os sacrifícios de todos eles exigem que os profanadores da nossa Pátria sejam exemplarmente punidos.

As nossas mães, tias e irmãs violadas e coisificadas, os nossos pais, tios e irmãos, os nossos filhos e filhas assassinados exigem que nós, como parte do seu sangue, apliquemos justiça sobre os seus violadores e assassinos.



António Faria — «Eu fui para o mato levado pelos bandidos que me raparam»